

Mulheres sobre ondas: A invisibilidade de atletas negras no surfe e na mídia¹

Ana Alice dos SANTOS²
Pablo Nabarrete BASTOS³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este artigo busca compreender, a partir de uma perspectiva histórica, os motivos pelos quais é raro assistir mulheres negras no surfe e na mídia, e qual é a responsabilidade que as grandes marcas têm sobre isto. Para concretizar este trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica exploratória a partir de artigos científicos que tratam sobre gênero, raça, mídia e esportes. Realizamos também pesquisa documental a partir de reportagens e documentários esportivos, além da análise de entrevistas e *podcasts* já produzidos com surfistas mulheres a fim de colher seus depoimentos. Desenvolvemos também, em caráter exploratório, pesquisa quanti-qualitativa sobre a forma como mulheres negras apareceram nas redes sociais das grandes marcas de *surfwear* feminino e quantas brasileiras estão participando dos grandes campeonatos realizados pela WSL.

PALAVRAS-CHAVE: surfe; mídia; gênero; raça; publicidade

INTRODUÇÃO

É um fato que homens estão muito mais presentes nos diversos esportes e na mídia do que mulheres e isto perpassa sobre a questão de gênero, sexismo e racismo, quando se trata de pessoas negras nos esportes. Mulheres negras são mais atingidas do que homens negros, pois, além da cor da pele, carregam um gênero que as submete ao machismo enraizado na sociedade, que dita constantemente quais são seus papéis sociais e o esporte ainda não é visto como um deles. Conforme Djamila Ribeiro (2018), a mídia esportiva, além de ser racista e machista, também é antiética e despreparada.

Desse modo, além de ser raro assistir mulheres brancas nos mais diversos esportes em TV aberta ou não, nos jornais impressos diários, entre outras mídias, é mais

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. E-mail: anaalicesantos@id.uff.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social, do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF), e-mail: pablobastos@id.uff.br.

raro ainda assistir mulheres negras, com exceção de Serena Williams que, com seu talento, trabalho e oportunidades de patrocínio conseguiu ascender no mundo esportivo e ser reconhecida. Entretanto, a realidade de Serena não é a mesma para todas as atletas negras. Como disse Viola Davis⁴ em seu discurso no *Emmy* ao ganhar o prêmio de melhor atriz em categoria dramática: “A única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um *Emmy* por papéis que simplesmente não existem”. O discurso de Viola cabe perfeitamente em relação ao esporte, pois mulheres negras não podem vencer campeonatos sem oportunidades de patrocínio, ainda que sejam talentosas e treinem excessivamente para se destacarem.

Este artigo busca compreender, a partir de uma perspectiva histórica, os motivos pelos quais é raro assistir mulheres negras no surfe e na mídia, e qual é a responsabilidade que as grandes marcas têm sobre isto. Para concretizar este trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica exploratória a partir de artigos científicos que tratam sobre gênero, raça, mídia e esportes. Realizamos também pesquisa documental a partir de reportagens e documentários esportivos, além da análise de entrevistas e *podcasts* já produzidos com surfistas mulheres a fim de colher seus depoimentos. Desenvolvemos também, em caráter exploratório, pesquisa quanti-qualitativa sobre a forma como mulheres negras apareceram nas redes sociais das grandes marcas de *surfwear* feminino e quantas brasileiras estão participando dos grandes campeonatos realizados pela WSL.

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE ATLETAS NEGROS(AS)

Ao longo da história, atletas negros tiveram grandes dificuldades em ingressar nos esportes por conta de todo um racismo estrutural gerado por uma sociedade escravocrata, que insistia e ainda insiste em inferiorizar a pessoa negra e ditar onde deve ser seu lugar. Nesse contexto, com a abolição da escravidão, os grandes detentores de poder não criaram políticas públicas que buscassem inserir as pessoas escravizadas numa sociedade que se encontrava em constante desenvolvimento capitalista, inclusive houve um enorme esforço através de leis em impedir o acesso dos ex-cativos às esferas da vida, como é o caso da Lei de Terras, de 1850, que permitia o acesso à terra àqueles que detinham poder socioeconômico e político, o que não era o caso de pessoas negras

⁴ Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/veja-o-discurso-de-viola-davis-no-emmy-2015/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

(OLIVEIRA, 2020). Assim, essas pessoas ingressaram no cerne da urbanização e do desenvolvimento capitalista sem poder de escolhas e sendo segregadas em posições subalternas, seja de trabalho ou moradia, ocupando desde cortiços até favelas (OLIVEIRA, 2020).

A partir da segregação imposta e com a ausência de políticas públicas, muitas pessoas negras não puderam ter acesso a diversos espaços, seja por conta da questão econômica ou até mesmo por conta da localização. Tais questões se desdobram em determinados esportes, como é o caso de dois esportes aquáticos: a natação e o surfe, que se relacionam entre si, pois, para a prática do surfe de maneira segura, é essencial que o surfista saiba nadar. Entretanto, conforme a reportagem⁵ “Atletas negros e as barreiras do racismo em esportes como a natação” realizada pelo Esporte Espetacular em 27 de setembro de 2020, a entrevistada Alice Dearing, atleta negra da elite da natação afirma que escuta constantemente que pessoas negras não flutuam e também percebeu que não existem muitas pessoas negras na natação. A atleta em questão mora em Loughborough, na Inglaterra, mas pode-se trazer este contexto para o Brasil a partir de dois atletas brasileiros também entrevistados na reportagem realizada pelo Esporte Espetacular: Etiene Medeiros e Edivaldo Valério. De acordo com a entrevista, em 2016, a atleta Etiene foi a primeira mulher negra a representar o Brasil numa olimpíada; entre os homens, Edivaldo é o único medalhista olímpico negro da natação brasileira. Deve-se levar em consideração que, segundo dados do IBGE⁶, 54% da população brasileira é constituída por pessoas negras, portanto, é urgente refletir sobre em que lugar estão esses atletas e porquê não estão chegando no topo das competições do Brasil e do mundo de forma equânime com os os atletas brancos.

Os esportes aquáticos citados acima são extremamente elitistas, se refletirmos sobre os meios necessários para praticá-los e nos materiais utilizados. No caso de Edivaldo Valério, o atleta precisou da ajuda de terceiros, como os pais dos seus amigos atletas, que realizavam rifas para ajudá-lo a arcar com as despesas, além de ser sempre o único atleta barrado pela imigração nas viagens de avião para competir internacionalmente. A situação pela qual o nadador passou ao longo da sua carreira

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8891652/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

⁶ Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

reflete a imagem de atletas brasileiros que possuem talento, mas não possuem dinheiro e nem patrocínios para arcar com as despesas exigidas por determinados esportes. No caso das atletas negras, além de terem que lidar com a falta de apoio, precisam enfrentar as barreiras do racismo e do machismo.

2. AS BARREIRAS PARA A PRÁTICA DO SURFE

No surfe da década de 60, poucas pessoas podiam ter acesso a uma prancha, pois, de acordo com o Jornal do Brasil (16/06/1965), uma prancha feita de madeirite custava 40 mil cruzeiros e uma prancha de fibra de vidro custava por volta de 200 mil cruzeiros (COSTA, 2013). Logo, levando em consideração a condição de exclusão social que as pessoas negras viviam naquela época, o esporte em questão só era viável para a classe média e alta.

Especificamente no Rio de Janeiro, o Arpoador, praia entre Copacabana e Ipanema, foi um dos palcos do surfe nacional, local onde filhos de estrangeiros, de classe média e alta, envolvidos com as produções e os movimentos internacionais, começaram a praticar a modalidade. Essa ambiência criou as condições para que o surfe brasileiro começasse a se sintonizar com o movimento de popularização mundial do esporte (DIAS, 2008 apud COSTA, 2013, p. 1).

Na década de 60, para além dos preços altíssimos para garantir uma prancha de surfe, no Rio de Janeiro, havia também uma barreira geográfica para que pessoas da periferia pudessem se locomover até as praias, isto é, no ano de 1962 os bondes que ligavam a Zona Sul à Zona Norte do Rio de Janeiro foram extintos pelo governador Carlos Lacerda e foram substituídos por linhas de ônibus. Entretanto, para que essas linhas ligassem Zona Norte à Zona Sul se fazia necessário o túnel Rebouças, o qual só foi construído em 1967/1968 (COSTA, 2013).

Assim, percebe-se que pessoas periféricas encontraram entraves econômicos e geográficos para a prática do surfe no Brasil e ainda encontram, posto que, segundo dados do IBGE, pessoas pretas ocupam profissões de remuneração mais baixa, como ocupações em serviços domésticos, agropecuária e construção civil. Este fato interfere diretamente nas condições da vida de um atleta, pois para se manter no surfe é necessário ter, no mínimo, uma condição econômica razoável, em vista que o *shape* de

uma prancha de surfe custa por volta de R\$ 1.000,00, além dos utensílios essenciais para a prática do esporte como quilhas, estrepes e roupas de neoprene para garantir o mínimo de conforto nos dias de frio. Além desses elementos necessários, para se chegar em determinados picos – praias com ondas boas para a prática do surfe –, na maioria das vezes, é necessário um meio de transporte como carro ou moto. Portanto, o ambiente de prática do surfe não é fixo, isto é, não é como uma quadra de futebol que permanece no mesmo lugar; é um ambiente que está em constante mudança porque ora uma praia pode oferecer condições apropriadas para o esporte aquático, ora não, fazendo com que o surfista precise se deslocar, seja através de viagens rápidas ou longas, no caso do atleta. Nas viagens longas, é importante levar em consideração fatores como gasolina, passagens, hospedagem e alimentação.

3. OS ATLETAS BRASILEIROS NA ELITE DO SURFE MUNDIAL

Para contextualizar o que foi abordado na seção anterior, vale fazer uma breve análise sobre quem são os surfistas brasileiros que ocupam a lista da Liga Mundial de Surfe em 2021: Ítalo Ferreira, Gabriel Medina, Filipe Toledo, Deivid Silva, Adriano de Souza, Caio Ibelli, Peterson Crisanto, Yago Dora, Miguel Pupo, Jadson André e Alex Ribeiro. Ou seja, existem atualmente 11 atletas brasileiros entre os 40 melhores do mundo a partir das competições realizadas pela entidade mundial de surfe, enquanto a lista feminina conta apenas com 18 mulheres, sendo somente uma delas brasileira: Tatiana Weston-Webb. Vale ressaltar que, apesar de Tatiana ter naturalidade brasileira, a atleta é filha de surfistas e mora no Havaí desde que tinha dois meses de idade, logo pôde surfar e competir em praias que possuem as melhores ondas do mundo, visto que o Havaí é um das paradas para as competições realizadas pela Liga de Surfe Mundial. Por conseguinte, a partir deste levantamento é possível observar o quanto homens são mais valorizados pelo jornalismo esportivo brasileiro do que as mulheres.

Além de possuir apenas uma brasileira, a lista não possui nenhuma mulher negra. De acordo com Érica Prado, ex-surfista profissional e atualmente jornalista esportiva, em depoimento para o *podcast*⁷ “Ubuntu Esporte Clube #14 – Ausência Radical”, realizado pelo Globo Esporte, por anos a categoria feminina foi abandonada

⁷ Disponível em:

<https://interativos.globoesporte.globo.com/podcasts/programa/ubuntu-esporte-clube/episodio/ubuntu-esporte-clube-14-ausencia-radical/>. Acesso em 05. ago 2021.

pelas entidades do surfe nacional, como a Associação Brasileira de Surfe Profissional (ABRASP). De acordo com a surfista, quando a ABRASP possuía verba para investir no esporte, direcionava-a para a categoria masculina. Érica foi uma das mulheres negras que enfrentou dificuldades em se manter na categoria, pois, apesar de ter sido campeã baiana em 2009 e ter feito parte da elite do surfe nacional, teve dificuldade em garantir patrocínios. Segundo ela, os patrocinadores não apoiam as mulheres porque estas não estão na mídia e não apresentam resultados. Contudo, tais mulheres não se destacam na mídia esportiva porque não possuem um apoio financeiro que invista nelas e, conseqüentemente, arque com as suas despesas em seus treinos e competições. Érica aponta que as grandes marcas buscam patrocinar quem já está no auge e apresenta o padrão estereotipado de surfista, como Tatiana Weston-Webb: loira, branca, alta e magra. Em seu depoimento para o Portal Geledés, em novembro de 2019, a jornalista conclui: “Não tem nenhuma negra na elite mundial. O universo do surfe é um reflexo da nossa sociedade racista e não existe equidade quando se trata de surfistas negras e nordestinas. Criou-se um modelo californiano de surfista ideal e mulheres fora desse padrão imposto pelo sistema são invisibilizadas. É uma realidade que precisamos mudar”.

Um dos reflexos do relato de Érica se encontra em Tita Tavares, mulher nordestina, com 1,50m de altura, ex-surfista profissional que fez história na categoria feminina de surfe nacional e mundial. De acordo com matéria realizada por Millos Kaiser na Revista Trip, em 18/12/2012, a atleta, afastada do esporte desde 2008, já ocupou o quarto lugar no ranking das melhores do mundo no esporte, além de, em 1996, ser a primeira mulher a receber nota 10 de forma unânime pelos juizes do World Women's Qualifying Series (WQS), uma das competições realizadas pela Liga Mundial de Surfe, a qual permite o acesso à elite do surfe mundial. Entretanto, apesar de ter tido a oportunidade de ser vista pelo mundo todo e ter garantido bons patrocínios na sua jornada, hoje, Tita Tavares passa por dificuldades financeiras, pois, após ser diagnosticada com hipertireoidismo, viu-se abandonada e sem apoio. Além de precisar lidar com gastos em medicamentos, a nordestina também teve sua casa condenada pela Defesa Civil e, hoje, faz “vaquinha” na internet com o intuito de reconstruir sua casa e mantê-la.

4. O SURFE BRASILEIRO E AS GRANDES MARCAS

As marcas sempre se fizeram presentes na história do surfe no mundo. O documentário “Surfar é Coisa de Rico”⁸ mostra a trajetória e importância de Rico de Souza na institucionalização da modalidade no Brasil. Segundo a produção audiovisual, nas décadas de 30-40, o surfe, além de ser visto como coisa de vagabundo, era também reconhecido como uma porta de entrada para o mundo das drogas, o que gerava uma visão ruim sobre o esporte no imaginário social. Esse quadro só foi revertido quando o surfe começou a se profissionalizar através dos campeonatos realizados em Saquarema, momento em que as marcas, como Globo e Antártica, passaram a patrocinar os surfistas, pois viram que o surfe, apesar de ser um esporte, possuía um *lifestyle* que vendia. O atleta Rico, figura principal do documentário, conta que foi mandado para o Havaí pela Globo diversas vezes somente para competir e, a partir disso, passou a transmitir confiança para uma sociedade que enxergava o surfe como o esporte da perdição, demonstrando que surfistas tinham futuro. Desde as imagens de Rico de Souza nas competições mostradas ao longo do documentário até os dias atuais, percebe-se que os logotipos das marcas que apoiam os atletas se fazem presente nas figurinhas coladas em suas pranchas sob forma de patrocínio e também de divulgação da marca.

Nesse contexto, percebe-se que a mídia e o esporte dependem um do outro, pois, quando se relacionam entre si, se beneficiam, ou seja, se vendem (KNIJNIK; SOUZA, 2007 apud SENA, 2018). Um dos grandes nomes na categoria masculina é Gabriel Medina. Identificamos 11 grandes marcas estampadas na prancha de Gabriel Medina, como Oi, Guaraná Antártica, Corona Extra, Bradesco, entre outros, enquanto Silvana Lima, atleta nordestina que esteve na elite do surfe mundial por 10 anos, atualmente possui por volta de 7 marcas em sua prancha, sendo as únicas de destaque a Neutrox, a Cerveja Praya e a MRV. Portanto, se para Silvana Lima, atleta profissional da categoria, já é difícil alcançar os grandes nomes da indústria midiática, para as atletas da base é mais difícil ainda.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0kB7HAjPRuA>. Acesso em: 05 ago. 2021.

A mídia é um dos setores da sociedade responsável por criar mitos esportivos no imaginário social, pois é capaz de gerar imagens positivas ou negativas sobre os atletas e seus desempenhos nas competições (SOUZA e KNIJNIK, 2007). Se as atletas negras tivessem a oportunidade de se exporem na mídia, poderiam alcançar maior visibilidade no surfe e garantir patrocínios duradouros para se manterem nas competições, podendo influenciar e inspirar positivamente meninas e mulheres a entrarem nessa modalidade esportiva (SOUZA e KNIJNIK, 2007). Entretanto, esta ainda não é a realidade dessas atletas, que, não apoiadas pela mídia, buscam apoio e representatividade entre elas, como é o caso da página “Surfistas Negras”⁹, criada pela jornalista Érica Prado, que enxergando as dificuldades das esportistas independentes, iniciou o movimento nas redes sociais com o intuito de dar visibilidade para mulheres negras que buscam patrocínio para competir.

5. SURFISTAS NEGRAS E AS MARCAS DE *SURFWEAR*

Portanto, sem uma exposição no jornalismo esportivo, as atletas seguem invisibilizadas nos esportes de alto rendimento, dado que a sociedade tem o costume de acompanhar esportes através dos jornais (SOUZA e KNIJNIK, 2007). Logo, se não há exposição, não há visibilidade e muito menos patrocínio. Diante desse fato, observa-se que a mídia se comporta de maneira sexista, pois a visibilidade dada às mulheres não chega nem perto da alta visibilidade dada aos homens nos mais variados esportes. Nesse contexto, vale ressaltar que, constantemente, a mídia se refere às mulheres esportistas sob um estereótipo heteronormativo, isto é, não retrata o desempenho das atletas nos esportes e sim suas aparências físicas, suas vidas pessoais e aborda até mesmo a sexualização dos seus corpos (SENA *et al.*, 2017).

Como parte desta pesquisa, realizamos pesquisa exploratória sobre os perfis das grandes marcas de *surfwear* feminino no site de rede social (SRS) Instagram, como Roxy¹⁰ e Ripcurl¹¹. A pesquisa em questão teve como intuito apreender a frequência que mulheres negras aparecem na representação dessas marcas, demonstrando como o resultado obtido tem impacto sobre a questão da representatividade. De janeiro de 2021 até 03 de maio do mesmo ano, constatou-se que o perfil “@roxybrasil” publicou apenas

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/surfistasnegras/>. Acesso em 05 ago 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/RoxyBrasil/>. Acesso em 05 ago 2021.

¹¹ Disponível em: https://www.instagram.com/ripcurl_brasil/. Acesso em 05 ago 2021.

quatro imagens de mulheres negras, sendo duas imagens da surfista profissional Suelen Naraisa, uma da modelo Larissa Santana e outra de uma cliente da marca. Já no perfil “@ripcurl_brasil”, no mesmo período delimitado anteriormente, foi encontrada apenas uma imagem em que aparece uma mulher negra - junta de outras mulheres. Faz-se importante ressaltar que o perfil da marca Roxy é voltado apenas para o público feminino, enquanto o perfil da Ripcurl é voltado para o público masculino e feminino. Logo, os conteúdos da Ripcurl abrangem mulheres e homens.

Nesta pesquisa, foi encontrado um conteúdo relevante para este artigo: em 18 de janeiro de 2020, a Ripcurl publicou uma imagem¹² da sua equipe feminina, na Ilha de Oahu, utilizando uma coleção da marca. Tal equipe era composta por nove jovens brancas e loiras. Conforme Hooks (2005 apud Santana, 2014), a mídia no geral reforça este padrão de beleza feminina por meio do jornalismo e da publicidade, veiculados em variadas plataformas, reproduzindo o sexismo e o racismo. Portanto, se mulheres negras não aparecem nos conteúdos de surfe voltados para a publicidade de determinadas marcas, cria-se uma ausência de representatividade, isto é, meninas negras não se enxergam em determinados espaços e posições. No caso deste artigo, não se enxergam no surfe.

Este fato pode ser visualizado através do *podcast* “Ubuntu Esporte Clube #14 – Ausência Radical”, já citado, no relato do responsável por Brenda Moura – menina negra de 7 anos praticante do surfe e do skate. Segundo o pai de Brenda, é difícil ver outras crianças negras e periféricas nas aulas de surfe e de skate da sua filha, sendo Brenda uma exceção. O rapaz conclui dizendo que se sente orgulhoso por poder introduzir a filha nestes esportes e a enxerga, no futuro, como uma referência para crianças que se pareçam com ela, dado que os “grandes nomes” dos esportes em questão não são negros e poucos são os periféricos. A vivência de Brenda é exposta através do depoimento de Rosane Borges, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela USP, citada em uma matéria digital do Rico Surf: “As crianças negras não se vêem representadas em modalidades como golfe, natação e até o surf, enquanto a pessoa branca cresce com a certeza de que pode tudo, do ponto de vista dos símbolos que estão em destaque nesses esportes”.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7enHkpg0qy/>. Acesso em 05 ago 2021.

Portanto, a partir das pautas abordadas nesta pesquisa, apreende-se que, além de o surfe ser um esporte elitista, também é racista e sexista, tendo a mídia como um instrumento de propagação destas ideias responsáveis pelo afastamento e apagamento das mulheres negras como protagonistas no esporte de alto rendimento em foco. Nesse contexto, é possível perceber o poder que a mídia exerce dentro do esporte, podendo transmitir imagens boas ou ruins dos esportistas e também escolher quem são os atletas de destaque, sendo os homens em detrimento das mulheres (SOUZA; KNIJNIK, 2007). Com base em Aldeman (2006), quando se é mulher, o esporte não é apenas um meio de se alcançar o bem-estar e de competir, mas também um cenário de conflitos e questões que giram em torno do que uma mulher é capaz de fazer, sendo, assim, uma disputa por acesso a determinados espaços e por legitimidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebe-se que, com a ausência de atletas negras no surfe e no jornalismo esportivo, crianças negras e periféricas não se veem representadas dentro do surfe, dado que o padrão de surfista ainda é muito estereotipado e, no âmbito da indústria racista e sexista, este é o padrão que é vendido e abraçado pelas grandes marcas. Conforme a análise documental exploratória realizada no Instagram das marcas Roxy e da Ripcurl, pouquíssimos são os conteúdos que perpassam sobre a figura feminina negra e muitos são os conteúdos que mostram mulheres brancas e loiras. É importante destacar que as análises sobre essas marcas foram feitas em suas páginas do Brasil, onde, de acordo com o IBGE, 54% da população é constituída por pessoas negras.

Dessa forma, se as grandes marcas não patrocinam mulheres pretas e não as inclui na sua publicidade, a participação feminina brasileira em massa nos campeonatos da WSL torna-se cada vez mais distante, diferente da categoria masculina, que é composta em 45% por atletas brasileiros, enquanto a categoria feminina possui apenas Tatiana Weston-Webb. Logo, faz-se cada vez mais necessária a divulgação de movimentos como o “Surfistas Negras”. Vale ressaltar também a importância de projetos sociais como o “Vivendo Um Sonho Surf”¹³ - da comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro -, que utiliza o surfe como uma ferramenta sócio-educativa para as

¹³ [Vivendo Um Sonho Surf \(@vussurfrocinha\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

crianças da comunidade, promovendo lazer e possibilitando a inserção de crianças e jovens negros e periféricos no mundo do surfe, um esporte ainda tão elitista.

REFERÊNCIAS

ALDEMAN, Miriam. **Mulheres no Esporte**: Corporalidades e Subjetividades. Rio Grande do Sul: Revista Movimento, vol. 12, n.1, 2006.

COSTA, Ana Carolina. Primeiras competidoras do surfe carioca: década de 1960. Rio de Janeiro. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

ELVIRA, Álvaro. O discurso de Viola Davis ao receber um prêmio Emmy histórico. **El País**, 21 de set. de 2021. Disponível em: <[O discurso de Viola Davis ao receber um Prêmio Emmy histórico | Cultura | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#)>. Acesso em: 21 de abr. de 2021.

KAISER, Millos. Apenas alguns centímetros e um til separam a surfista de ser uma titã. **Revista Trip**. 18 dez. 2012. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/tita-tavares>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

LEITE, Roberto. Doente, Tita Tavares tenta ajuda para se tratar e voltar a competir no surfe. **Globo Esporte**, Fortaleza, 17 de jul. de 2012. Disponível em: <[Doente, Tita Tavares tenta ajuda para se tratar e voltar a competir no surfe | globoesporte.com](#)>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

MARTINS; Oliveira. Negros ocupam cargos com menor remuneração no mercado de trabalho. **Correio Braziliense**, Brasília, 2019. Disponível em: <[Negros ocupam cargos com menor remuneração no mercado de trabalho \(correio braziliense.com.br\)](#)>. Acesso em: 25 de abr. de 2021.

OLIVEIRA, José. A segregação racial e o pensamento urbanístico no Brasil. Bahia: Revista Políticas Públicas & Cidades, 2020.

PABST, Maíra. Por representatividade, ela criou o Surfistas Negras. **Redbull**, 1 de fev. de 2021. Disponível em: <[Por representatividade, ela criou o Surfistas Negras \(redbull.com\)](#)>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

PINHEIRO, Amanda. No Brasil, apenas 3 surfistas profissionais são negras. Como combater o racismo na elite do esporte? Elas respondem. Portal Geledés, 28 de nov. de 2019. Disponível em: <[No Brasil, apenas 3 surfistas profissionais são negras. Como combater o racismo na elite do esporte? Elas respondem - Geledés \(geledes.org.br\)](#)>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

POFFO, Fernando. Remando contra a corrente. **Revista Trip**, 01 de ago. de 2019. Disponível em: <[Érica Prado cria página para dar visibilidade às surfistas negras - Tpm \(uol.com.br\)](#)> Acesso em: 05 de maio de 2021.

PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. **Jornal da USP**, São Paulo, 2020. Disponível em: <[Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra – Jornal da USP](#)>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

QUARTIERO, Bianca. O surf tem cor? **Rico Surf**, Rio de Janeiro, 29 jan. 2021. Disponível em: <<https://ricosurf.com.br/noticias/feminino/surf-tem-cor-por-bianca-quartiero>>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

RIBEIRO, Djamilia. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. São Paulo. Revista Comunicare – Dossiê Feminismo, 2014.

SENA, A; MARINHO, R; FINARDI, T; SIQUEIRA, C. **O pódio é delas**: Aqui a mulher tem voz e espaço no esporte. Rio Grande do Sul: Revista Sociais e Humanas, 2017.

SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. **A mulher invisível**: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. São Paulo: Revista brasileira de Educação Física e Esporte, v.21, n.1, 2007.